

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCO CAMILO DA SILVA RIBEIRO

**“RASPAS E RESTOS ME INTERESSAM”: TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS
NO UNIVERSO DOS CATADORES NO ATERRO SANITÁRIO DE PARNAÍBA-PI
(2000-2017)**

PARNAÍBA-PI

2017

FRANCISCO CAMILO DA SILVA RIBEIRO

**“RASPAS E RESTOS ME INTERESSAM”: TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS
NO UNIVERSO DOS CATADORES NO ATERRO SANITÁRIO DE PARNAÍBA-PI
(2000-2017)**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena no Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba sob a orientação da Professora Dra. Mary Angélica Costa Tourinho.

PARNAIBA-PI

2017

FRANCISCO CAMILO DA SILVA RIBEIRO

**“RASPAS E RESTOS ME INTERESSAM”: TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS
NO UNIVERSO DOS CATADORES NO ATERRO SANITÁRIO DE PARNAÍBA
(2000-2017)**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena no Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba sob a orientação da Professora Dra. Mary Angélica Costa Tourinho.

Monografia aprovada em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho

1º Examinador: Profa. Ma. Maria Dalva Fontenele Cerqueira

2º Examinador: Prof. Me. Daniel Souza Braga

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Do Carmo Da Silva, que sempre acreditou em meu potencial e que esteve ao meu lado em todos os momentos, não poupando esforços em me conceder uma formação digna, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Profa. Dra. Mary Angélica Costa Tourinho que sempre contribuiu para meus estudos com palavras de incentivo cercadas de um grande sorriso.

A meu grande amigo e companheiro de curso Alessandro Silva, por toda a ajuda incondicional, sorrisos e brincadeiras.

Ao meu anjo em forma de ser humano Larisse Fontenelle, por todas as palavras de incentivo, por todos os abraços e demonstração de carinho e principalmente por acreditar em mim em todos os momentos.

A meus irmãos Nathan e Isaias que mesmo em silêncio contribuíram para que para meu aprendizado.

A meus professores de curso André Alves, Ivanilda Sá, Erasmo Amorim, Idelmar Cavalcante e Yuri Holanda por me ensinarem mostrarem que a educação é a principal forma de se transformar um mundo em um local melhor.

A os meus tios Chaga, Helena e Daniel pelo apoio.

A minha madrinha e segunda mãe Simone por todo o incentivo

A minha companheira de sala de aula Esthefane que mesmo sendo uma das pessoas mais chatas do mundo sempre compartilhamos conversas, risadas e planos.

A meus amigos Izaias, Francivan, Yann e Dudu que ouviram minhas lamentações e dúvidas e que sempre me incentivaram para que eu nunca desistisse.

A meus companheiros de universidade Luany, Guilherme, Monica e Paulo Henrique, por toda a ajuda, sorrisos e brincadeiras que fazia com que o *estress* da vida acadêmica se amenizasse.

A minha prima Maria Helena que me ligou e me visitou e brigou comigo com o objetivo de me ajudar na minha formação pessoal.

A os loucos por futebol Paulin, Xandim, PC, Xandao, Alma, William, Gutin, Andre, Thales, Felipe e Marlliton, por fazerem com que o futebol se tornasse a válvula de escape de toda a tensão da vida de estudante.

E principalmente a Deus a quem sempre recorri e encontrei consolo em momentos de dificuldades, que sempre ouviu minhas preces e me deu sabedoria para saber lidar com as adversidades da vida.

Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. (João Guimarães Rosa)

RESUMO

O presente trabalho analisa aspectos da sociedade contemporânea que vem buscando encontrar um destino certo ao lixo produzido. Programas que incentivam a reciclagem e a consciência ambiental são frequentemente vistos em anúncio de TV e jornal, entretanto o que essas propagandas não destacam é que existem grupos de trabalhadores que sobrevivem do lixo descartado, buscando dar um novo significado a esse lixo através do processo de reciclagem e dessa forma garantir o sustento para sua família. Por conta disso o trabalho analisa a realidade social dos catadores de material reciclável da cidade de Parnaíba-PI entre os anos de 2000 a 2017, buscando explicar as dificuldades encaradas por esse grupo de seres humanos em seu cotidiano e como, mesmo com a regulamentação da profissão eles ainda sofrem com o descaso do poder público e com preconceitos da sociedade que os veem como parte do lixo. Também examina as transformações nas legislações ambientais que se iniciaram no século XX e prosseguiram durante o XXI, e quais os impactos dessas leis na vida dos catadores e na realidade dos lixões. A pesquisa teve como fonte fundamental os relatos orais dos catadores obtidos através de entrevistas realizadas com os catadores no aterro sanitário de Parnaíba, e através desses relatos e dos embasamentos teórico sobre memória e história oral de autores como Alessandro Potelli (2001) e Pierre Nora (1993) procuramos descrever as transformações ocorridas no local e na vida dos catadores ao longo dos anos.

Palavras chaves: Cidade, espaço urbano, Parnaíba, invisibilidade.

ABSTRACT

The present work analyzes aspects of the contemporary society that has been trying to find a certain destination for the garbage produced. Programs that encourage recycling and environmental awareness are often seen in TV and newspaper ads, however what these advertisements do not highlight is that there are groups of workers who survive from discarded garbage, seeking to give this garbage a new meaning through the process of recycling and from this way to guarantee the sustenance for his family. As a result, the paper analyzes the social reality of recyclable waste pickers in the city of Parnaíba-PI between the years 2000 and 2017, trying to explain the difficulties faced by this group of human beings in their daily life and how, even with the regulation of they still suffer from the neglect of public power and from the prejudices of society that see them as part of the garbage. It also examines the transformations in environmental legislation that began in the twentieth century and continued during the twenty-first century, and what the impacts of these laws are on the life of the scavengers and on the reality of the dumps. The research had as fundamental source the oral reports of the collectors obtained through interviews with the collectors in the sanitary landfill of Parnaíba, and through these reports and the theoretical bases on memory and oral history of authors like Alessandro Potelli (2001) and Pierre Nora (1993), we try to describe the changes that took place in the place and the life of the collectors over the years.

Keywords: City, urban space, Parnaíba, invisibility.

LISTA DE FIGURAS E TABELA

FIGURA 01 – Registro em Cartório da Associação dos Catadores de Lixo Seletivo de Parnaíba	21
FIGURA 02 – Caminhão de Lixo Despejando Resíduos da Coleta Urbana no Aterro da Cidade de Parnaíba – PI.....	32
FIGURA III – Montanha de Lixo Criada a Partir do Processo de Aterramento.....	38
TABELA I – Produção Mensal/Diária de Resíduos Coletados (2006 – 2016)	34

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRELPE - Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

CBO – Classificação Brasileira de ocupações

CFP – Cadastro De Pessoa Física

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

ONG – Organização Não Governamental

OSCIP - Organização da sociedade civil de interesse público

PNRS – Política Nacional Dos Resíduos Sólidos

SEMA - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais

SEMAR – Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SISNAMA - Sistema Nacional do Meio Ambiente no Brasil.

SN Ambiental – Santos & Nery Ambiental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: O OFÍCIO DO CATADOR: ORGANIZAÇÃO E TRABALHO	14
1.1 FORMALIZAÇÃO DO TRABALHO E ORGANIZAÇÃO NACIONAL	14
1.2 O OFÍCIO DE CATADOR NA CIDADE DE PARNAÍBA: TENTATIVA DE ORGANIZAÇÃO E A BUSCA POR MUDANÇAS	18
CAPÍTULO 2: O ESTADO E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA COM O LIXO E O MEIO AMBIENTE	26
2.1 O ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS	26
2.2 OS LIXÕES NO BRASIL: LOCAL DE TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA PARA CATADORES, E RELAÇÕES SOCIAIS	29
CAPÍTULO 3: O COTIDIANO NO LIXÃO: O TEMPO E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA VIDA DOS CATADORES	37
3.1 TEMPOS E TRABALHO PARA OS CATADORES	37
3.2 A CIDADE E O LIXÃO: AFASTAMENTO DOS CATADORES DOS ESPAÇOS URBANOS DE PARNAÍBA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Tornar os catadores de material recicláveis e sua interação com o lixo produzido na sociedade um objeto de pesquisa é um desafio, a temática ainda pouco explorada no campo da historiografia. Para cumprir nosso propósito pesquisamos nosso assunto na cidade de Parnaíba – PI, conhecemos o aterro da cidade e entrevistamos catadores, com o intuito de conhecer as mudanças ocorridas em suas vidas e no seu local de trabalho através dos anos. Estabelecemos nosso período temporal entre os anos de 2000 – 2017, período em que a cidade bem como todo o país passou por diversas mudanças econômicas, sociais e culturais.

Historicamente a humanidade produziu lixo, porém esse lixo tomou uma proporção muito grande dentro da sociedade sendo a parte da produção cotidiana dos seres humanos, estando em nossas casas, ruas, praças, enfim, em diversos locais públicos e privados. Mesmo nos negando a ver, o lixo faz parte de nossa vida e atualmente muitas pessoas, geralmente por questões sociais – artistas também reciclam e produzem a partir desse material - tiram o seu sustendo desse material, Miziara (2001), defende que:

[...] fazer a história do lixo exige uma reflexão não só sobre seu aspecto simbólico, mas também sobre a realidade técnica e científica das ações políticas e econômicas que o transformam, progressivamente, numa mercadoria rentável, num objeto de disputas de setores públicos e privados, num tema estratégico para as campanhas visando a ordem social veiculadas pelos meios de comunicação de massa, e ainda num assunto de grande importância para as instituições ligadas ao planejamento urbano. Por isso, fazer a história do lixo é também repensar os limites da cidade e mergulhar num campo de disputas locais. (MIZIARA, 2001, p. 24)

Para compreender os aspectos simbólicos e estigmas que caracterizam a vida e o trabalho de catadores, os estudos sobre história oral e memória se apresentam como principais referências. É importante destacar que os estudos de Alessandro Portelli e Pierre Nora nos auxiliam a analisar a temática da memória, uma vez que, as entrevistas temáticas realizadas com os catadores, no próprio aterro sanitário de Parnaíba, denotam o centro de nossa contribuição ao propor esse trabalho.

Para entender esse universo de aterros sanitários foi fundamental o conhecimento produzido pela história ambiental que se apresenta como decisivo, dentro da historiografia para compreender a relação dos catadores com seu local de trabalho, já que o lixão é o principal local de trabalho dos catadores, tornando-se local onde as relações entre homem e meio ambiente se mostram extremamente visíveis, pois segundo Martins (2007) essa tem como objetivo colocar a sociedade na natureza.

O mundo debateu as questões ambientais no século XX e XXI como nunca antes na história da humanidade. Proteção ambiental e desenvolvimento sustentável viraram palavras frequentes na boca de políticos e estudiosos das questões ambientais o que demonstra a importância de conhecermos e trazer esse conhecimento para história.

Sobre os catadores, são trabalhadores que retiram seu sustento daquilo que é descartado pela população através da reciclagem. Eles dão um novo significado aquilo que era considerado lixo. Os catadores são os principais responsáveis pela reciclagem tão incentivada pelos governos atuais, e é desse processo de ressignificação do lixo que esses sujeitos retiram seu sustento, e mesmo trabalhando em condições insalubres, expostos ao calor e a chuva eles seguem todos os dias sua rotina de trabalho com a fé de que o amanhã será melhor.

Compreender a realidade de vida dos catadores no lixão é também entender os processos de exclusão social daqueles que não se encaixam nos padrões econômicos e sociais da sociedade moderna, mesmo fazendo um trabalho de grande importância para o meio ambiente eles sofrem com o preconceito de boa parte da população que os veem como parte do lixo. Suas identidades e historicidades estão ligadas às inúmeras relações que desenvolvem entre si, seu local de trabalho e um vasto mundo que os cerca.

No primeiro capítulo apresentamos as transformações ocorridas na profissão de catador, o reconhecimento da profissão por parte de entidades trabalhistas, a organização em cooperativas e associações em nível nacional e local. Buscando compreender como essas mudanças afetaram a vida dos trabalhadores, e como a organização encara diversas dificuldades sejam por falta de auxílio do poder público, ou por falta de conscientização coletiva dos catadores.

No segundo capítulo mostramos como as políticas públicas sobre o meio ambiente foram se alterando ao longo dos anos, desde de a primeira conferência do clima em Estocolmo onde pela primeira vez os governantes se reuniram para debater as questões ambientais, até a resolução da Política Nacional Dos resíduos Sólidos onde buscar um destino correto para o lixo descartado vira obrigação dos governantes. O capítulo analisa também a realidade dos lixões a nível nacional e local e como os catadores interagem com esse local de trabalho cheio de peculiaridades.

O terceiro capítulo apresenta o cotidiano e as relações sociais dos catadores no aterro sanitário de Parnaíba, observamos e analisamos como os trabalhadores se relacionam dentro do seu local de trabalho, como administram o tempo e como o desenvolvimento urbano da cidade os colocou a margem do desenvolvimento social e econômico. Examinamos também características e traços que marcam o catador sua vestimenta, jeito de agir e de relacionar com

o restante da sociedade, observando e fazendo-se observar um grupo que embora exista a sociedade não o percebe ou não quer percebê-lo, sofrendo com a invisibilização¹ e, portanto, pouco direito à história.

A pesquisa de campo realizada no aterro sanitário entrevistou catadores e funcionários do local, na busca de mostrar qual a realidade do lixo em Parnaíba, e o quanto o meio ambiente é impactado com esse processo de desvencilhar-se do que importuno, e quais as políticas públicas voltadas ao melhoramento das condições dos lixões e do trabalho realizado pelos catadores.

Para compreender a vida e as relações sociais desse grupo de trabalhadores, o trabalho se apoiou nos estudos de autores como, Certeau, Bauman, Goffman, e Milton Santos, que são referenciais indispensáveis para a melhor compreensão do cotidiano, identidade e espaços urbanos na modernidade. Assim buscando analisar e explicar como a vida e trabalho dos catadores é afetada principalmente pela relação consumo e descarte existente na sociedade moderna.

¹ Para Tomás (2012): A invisibilidade social vai depender (entre outras coisas) da percepção que os outros têm de mim. Se o outro não me vê é certamente porque eu não existo para o outro, no entanto existo fisicamente, logo sou visível. A não-percepção do outro é o resultado da sua vida da qual eu não faço parte. (Tomás, 2012. Pág. 4)

CAPÍTULO 1

O OFÍCIO DE CATADOR: ORGANIZAÇÃO E TRABALHO

1.1 FORMALIZAÇÃO DO TRABALHO E ORGANIZAÇÃO NACIONAL

O trabalho está diretamente ligado com a história do ser humano, pois desde o início o homem sempre realizou tarefas como a produção de ferramentas para o auxílio na caça, atividades de coleta e outras que permitiam a sua sobrevivência. Ao longo do tempo e de transformações vividas por muitas sociedades, a concepção de trabalho foi se alterando até o momento em que o homem passou vender o seu tempo e suas habilidades a um empregador.

O processo de transformação do trabalho afetou diretamente o local onde esse ofício se realizava, a exemplo das fabricas que no século XIX se tornaram o principal local de labuta do homem devido a um acelerado processo de industrialização que gerava também uma ampla divisão na produção e na mão de obra:

Em cada lugar, em cada subespaço, novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mas sem exclusão da presença dos restos de divisões do trabalho anteriores. Isso, aliás, distingue cada lugar dos demais, essa combinação específica de temporalidades, diversas. Em outra situação, consideremos, apenas, para fins analíticos, que, dentro do todo, em uma dada situação, cada agente promove sua própria divisão do trabalho. Num dado lugar, o trabalho é a somatória e a síntese desses trabalhos individuais a serem identificados de modo singular em cada momento histórico (SANTOS, 2006, p. 89).

Como a citação indica, novas situações e diversificações vão surgindo. Divisões de trabalho e de atividades que supriam e criavam novas necessidades, além de outras realidades sociais. Dentro desse universo de transformações e industrialização o homem produziu cada vez mais lixo; e os lixões, se antes eram apenas lugares de descarte do que não servia mais, passou a ser no século XX, local de trabalho de um grupo específico de trabalhadores, denominados de catadores, sendo desse local que retiravam e retiram a sua renda conseguindo sustento para si e suas famílias.

O lixão no decorrer do tempo passou a ser um local onde se encontrava não só lixo descartado por empresas ou pela população, mas também onde pessoas imbuídas da necessidade de sobrevivência faziam parte desse espaço tradutor também de vivências:

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto. [...] A materialização do processo é

dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida (CARLOS, 2007, p. 20 -21).

O espaço toma sentido e historicidade em meio as diversas relações, nesse caso, a de um grupo de trabalhadores, os “catadores de materiais recicláveis”² que fazem parte de uma categoria que se estabeleceu principalmente nas ruas e lixões do Brasil, a medida que o processo de urbanização se ampliou em diversos espaços citadinos - não ocorrendo esse processo em um mesmo espaço de tempo em diferentes localidades. É desse espaço, o lixão, que tiram renda daquilo que aparentemente não serve mais para a sociedade. Essa categoria cuja atividade profissional é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego desde 2002, é de extrema importância para a sociedade, pois segundo a classificação brasileira de ocupações (CBO)³, ela contribui para a reciclagem e reaproveitamento de matérias bem como para a vida útil dos aterros sanitário.

Antes desse reconhecimento os trabalhadores eram identificados por órgãos governamentais através de outras nomenclaturas, muitas delas negadas por eles mesmos por serem muito pejorativas.

No censo de 1991, em na parte que trata de “Outras ocupações e ocupações mal definidas”, constava a atividade de lixeiro. No Censo de 2000, a atividade de lixeiro foi substituída por catadores de sucata. Apenas no Censo de 2010 a atividade está representada como coletores de lixo e material reciclável, classificadores de resíduos e varredores afins⁴. Essa última definição se aproxima mais da forma como os próprios catadores se identificam atualmente.

O reconhecimento da profissão colocou esses trabalhadores, aparentemente, em condições iguais de trabalho. Com uma profissão reconhecida, eles passaram a ter direito de contribuir para a previdência e adquirir os direitos trabalhistas determinados por lei para qualquer trabalhador.

No entanto era necessário que o trabalho se profissionalizasse e se organizasse enquanto categoria, criando associações ou cooperativas em que esses catadores estivessem filiados. Assim eles contribuiriam através do pagamento de imposto e teriam direito a receber

²O catador de material reciclável é um trabalhador urbano que recolhe os resíduos sólidos recicláveis como papelão, alumínio, vidro e outros.

³A Classificação Brasileira de Ocupações – CBO - instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares.

⁴Disponível:<http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacao_social_mat_reciclavel_brasil.pdf> Acesso em: 25 de ago. de 2017.

seus direitos. Porém dentro dessa categoria a maioria dos trabalhadores prefere o trabalho autônomo, sem ligação a nenhum órgão contratante, isso impede que eles usufruam dos direitos trabalhistas, pois no trabalho autônomo não existe pagamento de impostos a órgãos como o Ministério do Trabalho ou a Previdência Social.

O Estado, quando não desempenha o seu papel de instituidor e mantenedor da lei e da ordem, mostra-se ausente. Como consequência, a falta de normatização das relações na reciclagem pode levar à prevalência de situações de clandestinidade, fato esse verificado quando os carrinheiros não contam com o amparo efetivo da legislação que regula a atuação de empregados e autônomos (CALDERONI, 2003, p. 72).

Para o autor o estado se mostra ausente como mantedor da lei e da ordem social, isso contribui para que a relação de clandestinidade vivida por muito dos catadores se mantivesse ao longo dos anos. Como é o caso dos carrinheiros, que são catadores que trabalham na zona urbana das cidades empurrando carrinhos ou carroças ou onde armazenam o material reciclável.

A normatização e profissionalização do trabalho dos catadores são essenciais para tira-los da clandestinidade, sendo importante não só criar leis que incluam esses catadores em categorias trabalhistas, mas também facilitar a abertura de associações ou cooperativas que busquem integrar as várias categorias de catadores dentro das exigências impostas por as leis trabalhistas. Ou seja, a profissionalização e reconhecimento trabalhista dessa categoria é um processo distante de uma efetivação.

Outro aspecto a ser observado é que catadores de materiais recicláveis têm suas hierarquias e estão divididos em quatro grupos que são os: trecheiros⁵, que vivem no trecho entre uma cidade e outra, catam lata para comprar comida; catadores do lixão, que catam diuturnamente, fazem seu horário, catam há muito tempo ou quando estão sem trabalho reconhecido e remunerado que costumam desenvolver como os de obra de construção, pinturas etc.; catadores individuais que catam por si, preferem trabalhar independentes, puxam carrinhos muitas vezes emprestados pelo comprador que é o sucateiro ou deposita; e catadores organizados em grupos auto gerenciários onde todos são donos de empreendimentos, legalizados ou em fase de legalização como cooperativas, associações, ONG's ou OSCIP's.

⁵ **Trecheiros:** que vivem no trecho entre uma cidade e outra, catam lata pra comprar comida.

A maioria trabalha de forma autônoma, divide seu trabalho em etapas⁶ que são realizadas ao longo do dia ou da semana, isso varia de acordo com o lixo que chega ao lixão, que é um local que apresenta diversas características: os que não têm um tratamento nem anterior e nem posterior à chegada do lixo; ou aterro, que pode ser sanitário ou controlado, e que possui um trabalho de tratamento anterior e posterior à chegada do lixo. Outra variante é a procura por material reciclável que é feita por donos de fabricas de reciclagens, esses são os principais compradores dos produtos selecionados pelos catadores.

Além das divisões de categorias de trabalhadores, nesse espaço tem-se a divisão do trabalho que acontece em etapas, primeiro a seleção, momento em que eles retiram do lixo tudo aquilo que pode ser vendido na reciclagem papel, plástico, cobre, alumínio e etc. Depois vem a etapa do transporte, quando eles levam o material que já foi selecionado para um “lote”⁷, lá o material fica armazenado durante um tempo. E por último a venda, em que os trabalhadores vedem para uma empresa especializada em reciclagem, ou para uma espécie de “atravessador” alguém do próprio lixão que compra o material de outros catadores e revende para as empresas.

Transformar o que é visto como lixo em mercadoria dá um novo significado para o que foi descartado pela sociedade através da reciclagem e assim o catador “acaba por renomeá-lo, alimentando o próprio processo de ressignificação positiva de sua atividade laboral” (BENVINDO, 2010, p. 71). Com isso o catador transforma seu trabalho em algo essencial dentro de uma sociedade cada vez mais ligada às questões ambientais.

Porém, mesmo com o reconhecimento de sua profissão o catador ainda é refém de um sistema pouco organizado que se mantém ainda, na grande maioria dos casos, de forma autônoma, onde o catador e dono dos meios de produção exerce tudo sozinho.

As condições de trabalho dos catadores foram se alterando ao longo do tempo, algumas instituições de representação desses trabalhadores surgiram com o objetivo de organizar e lutar pela objetivação da autogestão dos catadores. É o caso, por exemplo, do Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR) que surgiu em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, sendo fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras⁸.

⁶ A primeira etapa do trabalho de catador é a seleção tirar do lixo o que pode ser reciclado, depois vem o armazenamento do material e por último a venda.

⁷ Uma espécie de tenda dentro do lixão, em que os catadores passam o dia e deixam acumulado tudo o material recolhido até o momento da venda. Cada catador tem o seu lote.

⁸ Disponível em: <<http://www.mnrcr.org.br/sobre-o-mnrcr/sua-historia>> Acesso em: 05 de jun. de 2017

A criação do MNCR foi um grande avanço para os catadores. A existência de um órgão nacional que represente o movimento faz com que os catadores façam parte da pauta trabalhista nacional. Porém muito dos catadores brasileiros nem conhecem a existência desse órgão, pois ele não se faz presente em todos os estados do Brasil e não conta com a participação de todos nos seus eventos ou discussões. O MNCR busca principalmente que esses catadores se organizem em cooperativas e possam assim dividir as atividades e o lucro obtido com o trabalho.

Organizar o trabalho, dividir as tarefas, permitiria com que se produzissem mais e isso faria com que os ganhos aumentassem também, melhorando as condições do trabalho do catador, Para Benvindo (2010), o trabalho coletivo realizado pelos catadores, dentre outras coisas, admite a materialização-

Do reconhecimento de si diante de um semelhante, de um outro, de um colega que realiza o trabalho de triagem conjuntamente, que compartilha mesmo espaço físico para o conjunto de atividades necessárias ao funcionamento do negócio e que, de forma direta, tem poder de influir no resultado financeiro auferido para todos os membros do empreendimento coletivo. (BENVINDO, 2010, pag.72)

Reconhecer o sucesso de um companheiro de lixão que se organizou em um grupo de trabalho, poderia funcionar como mola propulsora para transformar a organização dentro dos lixões e aumentar a qualidade e as condições do trabalho, mas como já vimos essa organização é extremamente difícil, depende em primeiro lugar da consciência do próprio catador, mas também de toda uma estrutura organizacional que demandaria tempo.

1.2 O OFÍCIO DE CATADOR NA CIDADE DE PARNAÍBA: TENTATIVA DE ORGANIZAÇÃO E A BUSCA POR MUDANÇAS

Para que se possa compreender as transformações ocorridas no aterro sanitário de Parnaíba-PI e na vida dos catadores que lá trabalham, e indispensáveis o uso de fontes orais, são eles que nos apontam traços da difícil realidade enfrentada pelos trabalhadores ao longo de suas vidas. As memórias dos catadores nos apontam fatos, mudanças e uma condição social marcada por seu trabalho. Segundo Nora:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos “homens-memória” (NORA,1993. Pág. 18).

O autor chama atenção para os “homens de memória” que descrevem através de seus relatos a realidade de sua vida e dos lugares que frequentam. Para entender a realidade do aterro sanitário de Parnaíba, é imprescindível que se entenda a vida dos que tiram sua sobrevivência daquele local.

Os relatos dos catadores sobre a suas histórias de vida, tentativas de organização do trabalho e transformações ocorridas no local são um como um desafio. A descrição feita pelos catadores, nos ajuda a compreender quais os fatores levaram essas pessoas a trabalhar em condições tão degradantes. Por isso a importância dessa metodologia de estudo na qual acredita Portelli:

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. (PORTELLI, 2000, Pag. 69)

No ano de 2000 a 2004 administração municipal da cidade de, Parnaíba-PI, tinha como prefeito o senhor Paulo Eudes Carneiro, um médico ortopedista, que se preocupou em melhorar as condições do até então “lixão de Parnaíba⁹” e assim trazer melhorias a esse lugar.

O lixão de Parnaíba está localizado as margens da BR 402 que liga os estados do Piauí e Ceará, um local antes isolado onde eram jogados resíduos recolhidos na coleta domiciliar, hospitalar e urbana da cidade. O relato de seu Francisco Cleudes¹⁰ aponta algumas das mudanças no local:

Aqui mudou muito, antes os lixo era jogado tudo no mesmo lugar só o lixo do hospital que ficava num lugar diferente mas quem quisesse chegar perto podia chegar, depois foi que eles colocaram a cerca pra que ninguém chegasse perto, ai reformaram também o galpão e botaram os trator pra num deixar o lixo espalhado por toda parte. (Francisco Cleudes Da Silva Braz)¹¹

Cabe considerar que a localização do lixão faz com que boa parte da população de Parnaíba desconheça a realidade. As pessoas que trabalham no local e tiram seu sustento da

⁹ O lixão se transformaria em aterro controlado a partir do ano de 2006.

¹⁰ Natural de Parnaíba-PI, começou a trabalhar no aterro por volta do ano 2000, conheceu o trabalho de catador através de seus irmãos que já trabalham no local anteriormente. Conheceu sua atual esposa no local e com ela teve uma filha.

¹¹ Entrevista concedida há: Francisco Camilo Da Silva Ribeiro em: 26/11/2017 no. Local: Aterro sanitário de Parnaíba-PI

venda do material reciclado, são ignorados por boa parte da sociedade parnaibana, eles estão marginalizados, trabalhando em um local totalmente diferente dos locais de trabalho comum a outros grupos.

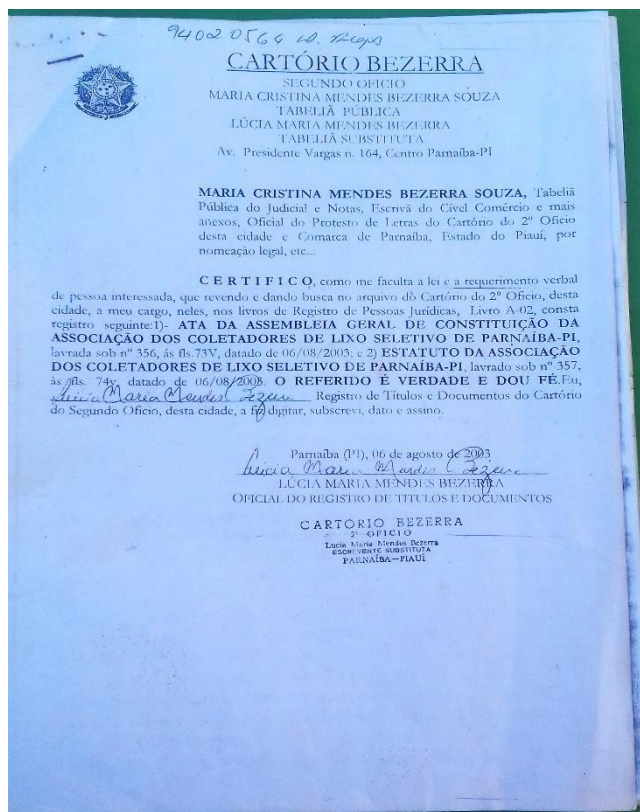
A marginalidade é um mito, e também a descrição de uma realidade social. Na qualidade de mito, serve de fundamento para crenças pessoais e interesses da sociedade; suas profundas raízes no espírito dos indivíduos não se deixarão abalar por qualquer análise teórica (PERLMAN, 2002, p. 285).

A citação acima nos mostra como o mito da “marginalidade” faz parte da sociedade moderna, é uma realidade existente em grandes cidades, com divisões sociais baseadas no ganho e consumo de cada indivíduo, assim aqueles que não se adaptam a um modo de trabalho ou a uma rotina de vida praticada pela a maior parte da sociedade local, acabam sendo isolados, ou ignorados por parte da população.

A prefeitura municipal através da secretaria de infraestrutura entre os anos de 2002 e 2003 realizou algumas mudanças no local como a recuperação do galpão, um local dentro do lixão destinado a separação e armazenamento do material reciclável, também foram feitas mudanças para que cada tipo de lixo fosse ele hospitalar, residencial ou urbano (galhos de árvores entulhos de obras) tivessem um destino específico no lixão e não fossem despejados todos no mesmo lugar. Porém era necessário que os catadores se organizassem e criassem grupos como uma cooperativa ou associação, isso faria com que as políticas municipais de ajuda aos catadores, possuíssem um órgão de destino, e não se reservasse apenas às cestas básicas entregues a um catador ou outro.

No ano de 2003 um grupo de pessoas, boa parte delas catadores que trabalhavam no lixão da cidade, se reuniram com intuito de criar uma organização que os representasse e assim pudesse lutar junto ao poder público por melhores condições de trabalho, e com isso também obter uma renda melhor com o trabalho. Com esse intuito foi fundada a Associação dos Coletadores de Lixo Seletivo de Parnaíba-PI. A imagem que segue mostra o registro em cartório da fundação da Associação dos Coletadores de Lixo Seletivo de Parnaíba:

IMAGEM I: Registro em Cartório da Associação dos Catadores de Lixo Seletivo de Parnaíba



Fonte: Arquivo pessoal de Cosmo Azevedo da Silva.

O documento acima carece de algumas considerações. O próprio nome de registro já viria causar algumas discordâncias entre seus associados anos depois, pois foi registrada como “coletadores de lixo seletivo”, porém alguns membros discordaram, demonstrando os conflitos dessas relações, uma vez que não havia coleta seletiva do lixo na cidade, sendo os próprios catadores os responsáveis por fazer o trabalho de seleção do lixo, e dali poderem tirar o que poderia ser vendido ou não na reciclagem.

Já começou errado “coletadores de lixo seletivo” não existia coleta seletivo era nos que fazia a seleção, porque a população nunca teve o cuidado de colocar o plástico ou o vidro que corta as mãos dos gari em sacola diferente, era nos que fazia essa seleção e depois vendia pros comprador. (Cosme Azevedo da Silva)¹²

Segundo a ata da reunião de fundação da associação, reuniram-se 25 pessoas no dia 27 de junho de 2003, no colégio municipal Frei Anastácio, localizado na BR 402, comunidade baixa do Aragão; com o objetivo de constituírem a associação dos coletadores de lixo do município de Parnaíba, sob a forma de sociedade civil sem fins lucrativos. Ainda na reunião

¹² Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro. Em 22/06/2017 local: aterro sanitário de Parnaíba-PI.

foi eleita para o cargo de presidente da associação a senhora, Maria Assunção da Cunha Reis, e para o cargo de vice-presidente o senhor, Francisco dos Santos Silva, foram eleitos ainda pessoas para os cargos de tesoureiro Francisco dos Santos Cunha e vice tesoureiro Maria de Souza Pires, secretário Paulo Cesar Moreira Do Nascimento e vice-secretário Maria de Fátima dos Santos e membros do conselho fiscal.

A nova associação seria uma mudança na organização do trabalho dos catadores no lixão de Parnaíba, ela contava inclusive com uma sede própria localizada entre a escola Frei Inocêncio e o lixão de Parnaíba, as margens da BR 402. A sede estaria próxima dos catadores e assim poderia ser de fácil acesso aos associados que poderiam recorrer aos serviços prestados pela associação. A organização tinha objetivos bem claros, a prestação de quaisquer serviços que pudessem contribuir para, melhorar as condições de vidas de seus associados.

Na teoria tudo daria certo e a realidade do trabalho mudaria, porém, na prática foi diferente. Segundo os catadores a associação não conseguiu cumprir com os objetivos propostos, não obteve apoio junto ao prefeito Paulo Eudes ou as entidades privadas, e com o passar dos anos foi perdendo apoio dos catadores que já não sentiam-se confiantes na organização. Porém a associação continuou existindo, não mais sobre a presidência de Maria Assunção da Cunha Reis, pois um novo presidente, Cosme Azevedo da Silva, assumiria a organização, com o intuito novamente de organizar e fortalecer os grupos de trabalhadores.

No ano de 2005 sob o comando do senhor Cosme Azevedo da Silva, catador de material reciclável no lixão, com pouco estudo (estudou somente até a quinta série do Ensino Fundamental)¹³ seus objetivos na associação, segundo nos relatou o próprio, eram reorganizar a associação e unir novamente os catadores para que de forma coletiva eles pudessem buscar melhorias nas condições de trabalho no lixão, principalmente na área da saúde já que no local as condições de trabalho eram extremamente anti-higiênicas.

Seu Cosme como é conhecido pelos catadores no aterro sanitário, começou juntando material nas ruas de Parnaíba, até chegar ao lixão, onde em pouco tempo começou a fazer parte de organizações como associação, e assim se tornou uma liderança para muitos dos catadores, até o momento em que assumiu a presidência.

Eu comecei juntado lixo na rua, aí eu vendia pra um cara e ele me chamou pra conhecer o lixão aí eu vi catar aqui, comei a catar e a vender até que percebi que se juntasse o dinheiro podia começar a comprar matéria dos outros catadores, fui

¹³ Entrevista concedida a: Francisco Camilo Da Silva Ribeiro. Em 22/06/2017. Local: Aterro sanitário de Parnaíba-PI

juntado dinheiro ai comecei a comprar, e até hoje eu faço isso. (Cosme Azevedo da Silva)¹⁴

A percepção de como funcionava o sistema de compra e venda dentro do lixo fez com que ele passasse de catador para ser também um comprador. Aos poucos ele foi se estabelecendo como uma das principais figuras dentro do aterro, e mesmo com o pouco estudo se tornou a voz da associação de catadores em reuniões junto ao poder público e instituições privadas, como empresas que fazem o recolhimento do lixo e o depositam no aterro e empresas que compram o material reciclável.

No início de sua atuação como representante maior dos catadores no ano de 2005, eram cerca de trinta e sete associados entre os mais recentes e antigos, seu Cosme buscou junto ao poder público, desenvolver ações que trouxessem condições sociais mais dignas ao trabalho, como por exemplo, que os catadores conseguissem fazer seus documentos pessoais como certidão de nascimento para eles e para seus filhos, carteira de identidade, CPF (Cadastro de Pessoa Física). Embora pareça consistir em ações aparentemente pequenas, significavam a existência legal dessas pessoas, sendo de serventia para os trabalhadores que poderiam frequentar escolas, buscar qualificação e outras atividades que exigiam documentação.

No mesmo ano de 2005 houve umas das maiores vitórias para os catadores segundo seu Cosme, que foi conseguirem aumentar o preço dos plásticos, um dos principais produtos recolhidos no processo de seleção e vendidos para as empresas na reciclagem, o plástico, antes vendido por 25 centavos o quilo, passaria a ser vendido por 40 centavos o quilo, o que afetaria diretamente a renda dos catadores e melhoraria um pouco suas condições.

O aumento no valor dos materiais, ainda que não fosse grande, faria com que os catadores obtivessem mais lucros, conseguissem assim um poder de compra melhor, podendo usufruir principalmente de produtos alimentícios de melhor qualidade e em maior quantidade. Essa mudança no preço vez com que a associação ganhasse credibilidade mesmo que por pouco tempo junto aos catadores.

Contudo manter os catadores unidos e com a ideia de que o trabalho coletivo e organizado seria o melhor para todos, sempre foi à missão mais difícil. A associação não conseguia muitas trazer outras mudanças para os catadores, o que fez com que muitos deles perdessem a fé no trabalho da organização e preferissem voltar para o trabalho realizado de forma autônoma.

¹⁴ Entrevista concedida a: Francisco Camilo Da Silva Ribeiro no dia 22/06/2017

Por várias vezes se tentou unir os trabalhadores novamente, conscientiza-los que o trabalho em grupo poderia ser melhor para todos, que juntos eles seriam mais fortes e teria autonomia em brigar por coisas melhores. Porém, a falta de consciência coletiva e principalmente o medo de que trabalhando de forma coletiva o lucro fosse dividido entre todos, assim o que trabalhasse menos ganharia o mesmo tanto do que trabalhou mais, faz com que os catadores se afastassem do trabalho coletivo desenvolvido em cooperativas ou associações. Tania Maria¹⁵, catadora no aterro de Parnaíba, nos relata alguns dos problemas enfrentados para se criar organizações no aterro.

Aqui não pode fazer nada se disser assim eu vou botar um projeto bem aqui, ai já uma cola desmancha não querem se unir, a gente já tentou montar um grupo de 10 ou 15 pessoas, mas as pessoas acham que vão é perder seu material ou perder dinheiro... ai não dá certo. (Tania Maria Machado)¹⁶

A falta de consciência coletiva enfraquece o trabalho dos catadores, o trabalho individual é muito mais cansativo. Cada catador trabalha para si mesmo, assim preferem trabalhar individualmente, dividindo seu trabalho em etapas de seleção, armazenado e venda que são praticadas ao longo do dia ou da semana. Eles contam com ajuda somente de algum parente principalmente os mais próximos, mãe, pai, irmão ou até filho. Este é o único tipo de organização exercida por boa parte dos catadores do aterro sanitário de Parnaíba a “organização familiar”.

A falta de organização influencia em vários fatores inclusive no controle que os catadores têm sobre o que eles ganham com a venda do material reciclável, muito deles não tem uma noção exata de quanto ganham ou de quanto gastam. Eles simplesmente vão recolhendo o material e vendendo, sem controlar o fluxo de saída ou entrada do dinheiro o que acaba por prejudicá-los em negociações futuras, já que eles com pouco dinheiro guardado tendem a vender o material por uma oferta mais baixa do que a que ele realmente vale, como podemos observar no próximo depoimento do senhor Francisco das Chagas ¹⁷sobre como os catadores lhe dão com o dinheiro obtido com a venda do material:

¹⁵ Natural de Parnaíba-PI Tania tem 28 anos de idade, chegou no lixão para trabalhar junto com seu ex marido, após a separação continuou trabalhando no local de onde retira o sustendo de sua única filha.

¹⁶ Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro no dia 26/11/2016

¹⁷ Natural do município de Bom Princípio-PI seu Francisco veio para Parnaíba por volta do ano de 1995 pouco tempo depois começou a trabalhar no aterro, pois segundo o próprio não encontrou outras oportunidades de trabalho. Pai de cinco filhos, todos os seus filhos lhe ajudaram no trabalho no aterro, um deles o mais novo continua trabalhando no aterro e igualmente o pai vive do dinheiro conquistado na venda do material reciclado.

Eu não sei bem dizer por que às vezes a gente não presta nem atenção, isso é uma coisa que eu devia prestar atenção, mas a gente não ganhar por mês, às vezes a gente ganha por semana e tem semana que a gente não vende aí não ganha... Ai a gente vai juntando esse dinheiro e não final nem repara quanto ganhou. (Francisco das Chagas Ferreira Comes.)¹⁸

Sem um salário fixo os catadores acabam dependendo de questões como a quantidade de lixo que chega ao aterro, e isso varia de acordo com a estação do ano, ou com a quantidade de material reciclável que é recolhido por cada catador. Na estação chuvosa, por exemplo, que em Parnaíba vai mais ou menos dos meses de janeiro a junho, o material reciclável fica muito mais difícil de vender, devido as condições de solo do aterro. O material que pode ser reciclado fica muito encharcado isso faz com que seu valor de mercado caia muito, principalmente materiais como o papel ou o papelão.

O bom desempenho da profissão de trabalho de catador de material reciclável depende de vários fatores, do tempo, do mercado de compra e venda dos produtos, mas depende principalmente da quantidade e da qualidade do lixo que chega até os catadores nos lixões e aterros do Brasil. A coleta seletiva melhoraria a qualidade dos resíduos sólidos porém em boa parte do Brasil são os próprios catadores que fazem esse processo de seleção. Os aterros sanitários ou aterros controlados melhorariam as condições do trabalho local, porém os lixões são predominantes no território nacional seja em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo ou em municípios menores como Parnaíba.

Contudo o catador é um espectador das mudanças prometidas ao longo dos anos, das mudanças principalmente nas questões do tratamento que é dado ao lixo descartado pela sociedade, pois é ele o lixo a principal matéria prima para a prática do ofício de catador de material reciclável.

¹⁸ Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro no dia 26/11/2016

CAPÍTULO 2

O ESTADO E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA COM O LIXO E O MEIO AMBIENTE

2.1 O ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS

O estado deve ser o responsável por estabelecer políticas que garantam o bem-estar da sociedade, sendo assim cabe ao mesmo aplicar e fiscalizar leis que viabilizem um melhor convívio entre sociedade, buscando sempre de forma justa aplicar e fiscalizar leis que façam com que a população usufrua de forma justa e segura dos bens disponibilizados por estado ou meio ambiente. Com isso o estado atua no que John Locke chamou de “poder político”.

Por poder político, então, eu entendo o direito de fazer leis, aplicando a pena de morte, ou, por via de consequência, qualquer pena menos severa, a fim de regulamentar e de preservar a propriedade, assim como de empregar a força da comunidade para a execução de tais leis e a defesa da república contra as depredações do estrangeiro, tudo isso tendo em vista apenas o bem público. (LOCKE, 1994, p. 35)

O “poder político” segundo Locke deve visar que o bem-estar social esteja sempre em primeiro lugar, assim o estado no papel de instituição maior é a responsável por ações nas mais diversas áreas de uma sociedade como segurança, saúde, trabalho, e também o bom convívio entre homem e meio ambiente.

Apesar de nos reportarmos a Locke no século XVII, com intuito de entender o desenvolvimento da ideia de bem público, foi só no século XX que essa preocupação com o meio ambiente passou a fazer parte das pautas do estado, fazendo com as questões ambientais fizessem integrassem discussões mundiais no que, McCormick, chamou de revolução ambiental, que causaria nesse momento uma mudança universal nos debates sobre o ambientalismo:

De todas as revoluções do século XX, poucas forjaram uma mudança tão universal e fundamental nos valores humanos quanto a revolução ambientalista. Gerado pelos amantes da natureza e filantropos vitorianos, nutrido por naturalistas amadores e planejadores profissionais, e finalmente inserido na agenda das políticas públicas por uma nova geração rebelde e idealista, o ambientalismo ultrapassou as divisões religiosas, nacionais e políticas para difundir-se em quase todos os países da Terra. Ganhou dezenas de milhões de adeptos, criou novos órgãos de legislação, engendrou novos partidos políticos, encorajou uma reavaliação das prioridades econômicas e tornou-se tema de políticas internas e relações internacionais. Acima de tudo, mudou nossas concepções do mundo no qual vivemos. Pressuposições de séculos foram subvertidas em não mais que poucas décadas. Pela primeira vez a humanidade foi despertada para a verdade básica de que a natureza é finita e que o uso equivocado

da biosfera ameaça, em última análise, a própria existência humana. (McCORMICK, 1992, p. 15)

A revolução ambientalista como mostra a citação vez com que diversas áreas da sociedade votassem seus olhos para as questões do meio ambiente. Debater as temáticas era importante, pois, a qualidade de vida do homem no planeta estava condicionada a forma como ele tratava o meio ambiente. Assim governos de grandes potências se uniram em eventos sobre o clima e meio ambiente, no intuito de discutir políticas públicas e sociais que diminuíssem os impactos ambientais.

O primeiro grande evento de ordem mundial para debater as questões ambientais ocorreu no ano de 1972 na cidade de Estocolmo capital da Suécia, a conferência das nações unidas sobre o meio ambiente, como o evento ficou conhecido, contou com a participação de 113 países e cerca de 250 organizações ambientais. A conferência gerou um documento oficial que declarava que as gerações futuras e a população mundial, teria o direito de viver em um ambiente com saúde e sem degradações.¹⁹ Ficou decidido também que dentro de 20 anos seria realizada outra conferência mundial, para debater as questões climáticas novamente.

Acompanhando a agenda global, o governo brasileiro cria uma secretaria para cuidar das questões ambientais, a Secretaria Especial do meio Ambiente (SEMA) pelo Decreto nº 73.030 de 30 de outubro de 1973. Assim o Brasil passa agora a se preocupar mais com as questões da poluição do meio ambiente.

A partir daí várias outras leis ambientais foram criadas como a Lei 6.938/1981 que institui a política e o sistema nacional de meio ambiente (SISNAMA) e institui o cadastro de defesa ambiental incluindo a União, Estados e Municípios; a Lei 7.347/1985 - Lei da Ação Civil Pública, que trata da reponsabilidade por danos causados ao meio ambiente; Lei 9.433/1997- Lei de Recursos Hídricos, que institui a política e o sistema nacional de recursos hídricos.

No estado do Piauí foi criada a Secretaria Estadual de meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMAR) pela Lei 4.797 de 24/10/1995. A instituição como parte do governo do estado tinha o intuito de proteger e fiscalizar o uso de recursos naturais. A partir da criação do órgão outros vários decretos foram criados visando aperfeiçoar o campo de atuação da secretaria

¹⁹ Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/conferencias-sobre-meio-ambiente.htm>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

No estado Piauí a Lei 4.854, de 10 de junho de 1996, que instituiu a Política Estadual de Meio Ambiente A lei coloca mostra a participação do estado do Piauí nos debates sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável, O *Decreto Estadual 9.729, de 06/06/1997*²⁰ definiu a estrutura organizacional da SEMAR. Porém somente a partir de 2003 o trabalho desempenhado pela SEMAR adquiriu mais efetividade quando a política ambiental do Piauí desenvolveu maior planejamento e ações de proteção de recursos Naturais.

Até o período já decorrido, mesmo com tantas leis ambientais, o Brasil ainda não havia uma política que tratasse dos resíduos sólidos, no intuito de tratar e dar um destino correto a o lixo recolhido nas residências e indústrias. O destino dado ao lixo continuava sendo um problema e seus impactos ambientais continuavam sendo enormes. Mas as questões não eram só ambientais eram também sociais e econômicos, era preciso estabelecer regras para o recolhimento e destinação inadequado desses resíduos. Com isso é criada a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) através da Lei nº 12.305/10.

A Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010 que estabeleceu a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS)²¹ cria metas e responsabilidades que devem ser seguidos por estados, municípios e empresas, no trato com os resíduos sólidos. A lei propõe também um prazo de quatro anos, a contar da data aprovação, para que estados e municípios acabe com os lixões e os transformem em aterros sanitários. Com isso a lei foi um avanço nas políticas de relação do lixo e meio ambiente.

A nova política pública cria alguns avanços como o fato de incluir os catadores de materiais recicláveis no processo de reaproveitamento dos resíduos e o desenvolvimento de um padrão para o recolhimento e tratamento do lixo de cidades empresas e regiões. Porém um dos pontos mais importantes da lei não foi cumprido, que foi o prazo de quatro anos para a extinção dos lixões e sua transformação em aterros.

O prazo venceu em 2014, mas poucos lixões foram fechados e transformados em aterros, houve inclusive um agravante do surgimento de mais lixões, fruto do crescimento populacional urbano cada vez maior. O crescimento da vida urbana faz com que cada vez mais lixo seja produzido na cidade, isso deveria fazer com que novos espaços para o descarte desse lixo também fossem criados.

²⁰ O Decreto Estadual 9.729, de 06/06/1997, definiu a estrutura organizacional da SEMAR. Atualmente, essa estrutura é composta por duas superintendências, criadas no ano de 2008, cinco diretorias, além de gerências e coordenações. A SEMAR possui, ainda, além da sede administrativa na Capital, duas unidades descentralizadas: um escritório multifuncional em Parnaíba e outro em Bom Jesus. ²⁰

²¹ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>> Acesso em: 18 de set. de 2016.

Segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Limpezas pública e Resíduos Especiais (ABRELPE) no ano de 2015, o volume de lixo aumentou 2,9%, entre 2013 a 2014, a coleta de resíduos por sua vez melhorou 3,2%. Esta é a primeira pesquisa que retrata a situação da gestão dos resíduos, depois da vigência da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em 2010. Em relação a reciclagem, a pesquisa revela uma evolução de 7,2 ponto percentual. Em 2010 apenas 57,6% dos municípios tinham alguma iniciativa de coleta seletiva.²²

Aterro sanitário é um local caro e difícil de construir, segundo alguns governantes o prazo de quatro anos dado pelo governo foi muito pequeno para resolver um problema de anos. Assim poucos municípios conseguiram cumprir o prazo estabelecido pela lei, e a realidade dos lixões no Brasil pouco mudou.

O mesmo com a criação de diversas leis que buscam preservar e proteger o meio ambiente, as políticas voltadas para o lixo ainda é algo que não avançou no Brasil. O lixo continua sendo um problema para a sociedade, o mau cheiro, as doenças, a contaminação do solo, são só alguns dos problemas causados pela má destinação dos resíduos sólidos, resíduos esses que se alteraram ao longo dos anos.

Segundo Adas (2002), o crescimento demográfico, combinado com o desenvolvimento industrial, as mudanças dos hábitos de consumo e a melhoria da qualidade de vida causaram um aumento na quantidade de resíduos, assim como alteraram suas características. O aumento do consumo por parte da população fez com mais lixo fosse gerado, e tivesse como destino final os lixões e aterros. Porém os lugares onde de são destinados o lixo e local de trabalho para algumas pessoas, elas trabalham direta ou indiretamente com a aquilo quer e não serve mais para a população. E são essas pessoas o principal objeto de estudo desde trabalho, os catadores de materiais recicláveis.

2.2 OS LIXÕES NO BRASIL: LOCAL DE TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA PARA OS CATADORES, E RELAÇÕES SOCIAIS

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básica realizada pelo IBGE em 2000, coletam-se no Brasil diariamente 125,281 mil toneladas de resíduos domiciliares, e 52,8% dos municípios Brasileiros dispõem seus resíduos em lixões. Hoje se estima que um

²² Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-07/producao-de-lixo-no-pais-cresce-29-em-11-anos-mostra-pesquisa-da-abrelpe>> acessado em 16/07/2017

em cada mil brasileiros é catador. E três em cada dez catadores gostariam de continuar na cadeia produtiva da reciclagem mesmo que tivessem uma alternativa²³.

Os lixões espalhados pelo Brasil são os principais locais de trabalho dos catadores de material reciclável, são locais sujos, onde a sociedade descarta tudo aquilo que não lhe interessa mais; as doenças o mau cheiro, o contato com animais como urubu, porcos e cachorros fazem parte do dia-dia do trabalho. E o catador está exposto a tudo isso, tudo faz parte de seu trabalho e é encarando todas essas dificuldades que ele consegue o seu sustento.

Um lixão é uma área de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Não tem nenhum sistema de tratamento de efluentes líquidos – o chorume (líquido preto que escorre do lixo). Este penetra pela terra levando substâncias contaminantes para o solo e para o lençol freático. O aterro controlado é uma fase intermediária entre o lixão e o aterro sanitário. Normalmente é uma célula adjacente ao lixão que foi remediado, ou seja, que recebeu cobertura de argila, e grama e captação de chorume e gás. Esta célula adjacente é preparada para receber resíduos com uma impermeabilização com manta e tem uma operação que procura dar conta dos impactos negativos tais como a cobertura diária da pilha de lixo com terra ou outro material disponível como forração ou saibro.²⁴

Mas a disposição adequada dos resíduos sólidos urbanos é o aterro sanitário que antes de iniciar a disposição do lixo teve o terreno preparado previamente com o nivelamento de terra e com o selamento da base com argila e mantas de PVC, está extremamente resistente. Desta forma, com essa impermeabilização do solo, o lençol freático não será contaminado pelo chorume²⁵.

Como o custo de se montar um aterro sanitário é extremamente caro e leva muito tempo, a maioria das cidades do Brasil deposita seus resíduos em lixões a céu aberto. E nesses lixões os catadores fazem o processo de seleção do que pode ser reciclado ou não. Eles acabam fazendo parte do lixo descartado e lidam com todos os problemas causados pelo mau descarte todos os dias.

Outro fator que chama bastante atenção é o fato de que a sociedade associa a imagem do catador com a do lixo. Todas as coisas encontradas nos lixões como mau cheiro e doenças são também estigmas carregados pelos catadores. Grande parte da sociedade olha para a figura do catador e o associa diretamente com o seu local de trabalho, e com isso o lixo passa

²³ Disponível em <http://www.lixo.com.br/content/view/133/240/05/06/2017>.

²⁴ Fonte: www.lixo.com.br disponível em <http://www.lixo.com.br/content/view/144/251/>.

²⁵ Fonte: www.lixo.com.br disponível em <http://www.lixo.com.br/content/view/144/251/>

a fazer parte da imagem do catador de material reciclável. Assim o lixo é considerado local dos rejeitados dos excluídos dos que possuem uma identidade social deteriorada (GOFFMAN, 1988).

Na cidade de Parnaíba-PI a partir do ano de 2005 sob a atuação da empresa SN Ambiental (Santos & Nery Ambiental), o lixão da cidade passou por diversas mudanças até ser transformado em aterro controlado. O aterro localizado as margens da BR 402 bem na saída da cidade, longe dos olhos de boa parte da sociedade parnaibana. É no aterro que as fases que vão da seleção, do lixo do que pode ser reciclado, até a venda para uma empresa é realizado.

As características encontradas nos lixões do Brasil podem ser compreendidas de diferentes maneiras, mas nenhuma fonte se mostra mais simples para que compreendemos esse espaço do que as imagens sobre o lugar. A imagem como forma não verbal para compreendemos um fato, se mostra como algo indispensável para a percepção do modo de vida dos catadores. As utilizações de fontes não verbais são importantes mais devem servir como metodologia de explicação como aponta historiador americano Robert Darnton:

Ao invés de confiar na intuição numa tentativa de invocar um vago clima de opinião, seria o caso de tomar pelo menos uma disciplina sólida dentro das ciências sociais e utilizá-la para relacionar a experiência mental com as realidades sociais e econômicas. (DARTON, 1990, p. 254)

A imagem a seguir mostra o modelo de despejo do lixo coletado adotado pela SN ambiental. O uso de caminhões especializados na coleta e transporte dos resíduos foi uma novidade na cidade, já que o ano de 2005 esse processo era realizado por caminhões comerciais contratados pela prefeitura.

IMAGEM II: Caminhão de Lixo Despejando Resíduos da Coleta Urbana o Aterro da cidade.



Fonte: <http://carlsonpessoa.blogspot.com.br>

A imagem (II) mostra o momento da chegada dos caminhões carregados de lixo no aterro de Parnaíba mostrando-nos uma imensa e complexa paisagem misturada a inúmeras histórias. Uma paisagem que expõe um contexto próprio, vivenciado de diferentes formas como observa Jean Paul Metzger ao analisar diversas percepções do que é uma paisagem:

Pintores, geógrafos, geólogos, arquitetos, ecólogos, todos têm uma interpretação própria do que é uma paisagem. Apesar da diversidade de conceitos, a noção de espaço aberto, espaço “vivenciado” ou de espaço de inter-relação do homem com o seu ambiente está imbuída na maior parte dessas definições. Esse espaço é vivenciado de diferentes formas, através de uma projeção de sentimentos ou emoções pessoais, da contemplação de uma beleza cênica, da organização ou planejamento da ocupação territorial, da domesticação ou modificação da natureza segundo padrões sociais, do entendimento das relações da biota com o seu ambiente, ou como cenário/palco de eventos históricos (METZGER, 2001, p. 2).

Não se pode deixar de perceber esse mundo de homens e mulheres como seres dotados de vivências que precisam ser percebidas. Além disso, aqui as dimensões do espaço e das necessidades e importância das coisas tomam conotações diversas, pois que é resíduo para grande parte da sociedade é também o local onde seres humanos – novos, velhos, homens e mulheres se misturam com animais como, urubus, cachorros, porcos – buscando ter acesso ao

que para eles, dentro de inúmeras circunstâncias sociais, é valioso. O lixão passa a ser também um local onde pessoas e animais lutam para retirar do lixo a fonte para sua sobrevivência, como nos mostra a citação a seguir.

Pelas descrições desses espaços, por fotos e matérias de jornais, é possível visualizá-los como lugares dissonantes. Mas ao mesmo tempo, interligados socialmente aos espaços de produção e consumo. Uma comunhão entre lixo e pessoas, animais e máquinas, produzindo um espaço maldito, um espaço de despejo. (MIZIARA, 2001, p.144)

A autora nos mostra o quanto o espaço do lixão tem personagens variados, todos buscando retirar desse ambiente, do que é descartado o seu sustento. O lixão é local de encontro de tudo que é descartado pela população, independentemente da posição social de cada pessoa, tudo que é lixo vai parar no mesmo local.

A situação de extrema pobreza faz com que essas pessoas cheguem até o lixão, e ele acaba por ser a última saída para se sair das condições precárias causadas pelo desemprego ou a falta de condições para conseguir um emprego formal, seja pela falta de instrução, alcoolismo, etc. O lixão com o passar do tempo passa a fazer parte da realidade dessas pessoas, e elas tratam com naturalidade tudo aquilo que parece estranho para a maior parte da sociedade.

[...] ser pobre não é apenas ganhar menos do que uma soma arbitrariamente fixada; ser pobre é participar de uma situação estrutural, com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo. Essa condição se amplia para um número cada vez maior de pessoas. O fato, porém, é que a pobreza tanto quanto o desemprego agora é considerado como algo “natural”, inerente a seu próprio processo. (SANTOS, 2000, p.59)

Nessa perspectiva, ser pobre é participar de uma situação estrutural, como por exemplo, uma posição inferior dentro da sociedade. Os catadores do lixão fazem parte dessa condição e boa parte consegue dinheiro com a venda de material retirado desse espaço, sua única fonte de renda. A coleta do lixo urbano por parte da SN ambiental é fundamental para os catadores, se o lixo não chegar ao aterro eles não têm trabalho e conseqüentemente não terão dinheiro.

A SN Ambiental, empresa responsável pela coleta do lixo urbano em Parnaíba, atualmente recolhe o lixo em média três vezes por semana, em cada rua ou área. O lixo é

recolhido nos bairros e depositado no aterro controlado ²⁶ da cidade, e assim se torna fonte de renda na mão dos catadores.

A coleta e transporte de resíduos do município de Parnaíba são atividades separadas em três tipos: coleta e transporte de resíduos sólidos residenciais e comerciais, resíduos de limpeza urbana e resíduos de serviço de saúde. Tendo todos eles como destino final o aterro sanitário controlado do município de Parnaíba, Santos & Nery Serviços Ltda (2017).

Os resíduos coletados são medidos da seguinte forma estabelecida pela SN Ambiental: resíduos sólidos residenciais e comerciais; toneladas residuais de limpeza urbana; metro cubico de resíduos de serviço de saúde; a tabela a seguir (TABELA I) revela a produção diária e mensal de lixo recolhido em Parnaíba a entre os anos de 2006 a 2016. A empresa é responsável pelo recolhimento dos resíduos em todos os bairros da cidade.

TABELA I: Produção Mensal / Diária de Resíduos Coletados (2006 a 2016)
TABELA I: Produção Mensal / Diária de Resíduos Coletados (2006 a 2016)

Item	Comerciais e Residenciais		Limpeza Urbana	
	Média / Mês	Média / Dia	Média / Mês	Média / Dia
Verão	3.100 ton.	103 ton.	2.400 m ³	80 m ³
Inverno	3.400 ton.	114 ton.	2.200 m ³	74 m ³

Fonte: SN ambiental

A tabela indica que a quantidade de lixo recolhida varia de acordo com a estação do ano, no verão se recolhe uma quantidade de toneladas de resíduos pouco menores que no inverno, essa variação se dar principalmente por que no inverno o lixo fica mais pesado por causa das chuvas, as chuvas também proporcionam a queda de arvores, outro fator que contribui para que a quantidade seja maior que não verão.

Após os caminhões de coleta urbana despejarem o lixo no aterro começa o processo de seleção, porem esse material que pode ser vendido na reciclagem já chega numa quantidade bem menor até os catadores, os garis que trabalham na empresa de recolhimento do lixo urbano retiram dos carros dos lixos mateias como, plásticos, alumínio, e cobre,

²⁶ O aterro controlado é uma espécie de terreno intermediaria entre o lixão e o aterro controlado, o lixo chega dos caminhões, é despejado no terreno e em seguida é coberta com uma camada de areia, assim o lixo não fica exposto ao ar livre, diminuindo assim o mau cheiro e a contaminação do meio ambiente pela liberação de gases tóxicos.

materiais mais valiosos e que não chegam até os catadores prejudicando assim a renda que poderia ser obtida.

A gente já reclamou com a empresa e com o dono da empresa pra eles não fazerem mais isso, eles já tem o salário deles, a gente não, a gente depende do que recolhe aqui, se eles recolherem tudo ai não sobra nada pra gente. Mais a reclamação não deu em nada eles até pararam um pouco mais depois voltam a fazer tudo de novo. (Francisco Cleomendes da Silva Braz)²⁷

Segundo a descrição do entrevistado, os garis acabam lucrando com aquilo que se transformaria em fonte de renda para os catadores. A temática já foi debatida juntamente com diretores da empresa de coleta do lixo urbano que advertiram seus funcionários a não mais recolher o material, porém isso permanece acontecendo segundo Francisco. Os materiais recicláveis se tornaram algo valioso, se transformaram em mercadorias que pode complementar a renda dos garis.

Na sociedade moderna o lixo, que era antes o que não tinha valor, não servia mais, passa a ser objeto de disputa entre catadores e garis. A venda do material reciclável complementa o salário destes sujeitos sociais, que têm o primeiro contato com o lixo ainda nos caminhões, assim podem selecionar primeiro os objetos de valor.

O consumo faz parte das relações modernas e tudo que possa ser vendido e gerar lucro passa a ser importante comprar, vender e obter lucro é uma marca da sociedade atual, e tudo isso faz parte do ciclo do consumo. O material reciclado passa a ser um material lucrativo, dentro dessa sociedade, o dinheiro obtido com a sua venda cria possibilidade de poder de consumo, fazendo com que o ciclo de produção e consumo na sociedade moderna se mantenha sempre ativo como observa Bauman:

[...] que o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores; que os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las por algo que prometa satisfazer seus desejos; que o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos (BAUMAN, 2008, p. 18).

A situação que Bauman (2008) aponta, trata sobre o destino final de toda mercadoria colocada à venda e que será consumida por compradores, o material reciclável com o artigo se encaixa dentro das relações de consumo, de compra e venda, permeiam a vida do catador, dentro e fora do aterro, a quantidade de lixo armazenada e essencial para que se tenha uma boa venda e assim se obtenha um bom lucro.

²⁷ Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro. Na cidade de Parnaíba no dia: 26/11/2016

A situação quase de miséria enfrentada pelos catadores é fruto de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exploração do trabalho daqueles que não tem qualificação suficiente para trabalhar em grandes empresas. Aqueles que não se encaixam no ciclo de consumo das sociedades capitalistas, acabam por serem excluídos e colocados em situação de miséria. Os catadores fazem parte de uma classe trabalhadora que não se encaixa no poder de consumo exigido pelo capitalismo.

Na exploração da classe trabalhadora a opressão tem lugar através de um processo continuado de apropriação da mais-valia do trabalho pelo capital. Mas a injustiça da divisão em classes da sociedade produtora de mercadorias, não radica só no fato distributivo de que “os menos tem mais”. A exploração determina também as relações sociais estruturais entre as classes. As regras sociais a respeito do que é trabalho, quem faz o que para quem, como é recompensado e qual é o processo social pelo que as pessoas se apropriam dos seus resultados, operam para determinadas relações de poder e desigualdade. (GARCIA, 2002, p.69)

Como a citação acima nos mostra, a exploração determina as relações estruturais entre as classes, aqueles que têm maior poder econômico exploram os que têm menos, a desigualdade social marca do capitalismo, coloca pessoas em classes sociais diferentes de acordo com seu poder de consumo, com isso os catadores estão nas partes mais inferiores dessa sociedade. Sua condição é tão inferior ao ponto deles tiraram sua sobrevivência do que não serve mais para outros grupos sociais.

A vida e o trabalho dos catadores são marcados por essas relações de exclusão e exploração. O lixo de onde eles tiram seus sustentos faz parte da sua vida e das suas relações sociais, e por estarem em uma condição social tão degradantes eles passam ser vistos com desprezo a se tornar invisíveis a os olhos de alguns. Assim, a invisibilidade não é uma categoria social, mas uma situação ou uma realidade de onde emerge o sentimento de “desprezo social” (Honneth, 2004). Esse olhar de indiferença faz com que os catadores se sintam renegados pela sociedade e o poder público.

CAPÍTULO 3

O COTIDIANO NO LIXÃO: O TEMPO E AS RELAÇÕES SOCIAIS NAS VIDAS DOS CATADORES

3.1 TEMPOS E TRABALHO PARA OS CATADORES

A partir do ano de 2010 o lixão começou a sofrer algumas alterações na sua estrutura, motivadas principalmente pela Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (*PNRS*)²⁸. Um dos pontos da lei é o que exige que os lixões a céu aberto do Brasil fossem extintos e transformados em aterro. Em Parnaíba a extinção do lixão e transformação em aterro sanitário não ocorreu, porém, o lixo despejado não ficava a mostra.

A Prefeitura Municipal juntamente SN Ambiental, e desenvolveram projetos para que o lixo não ficasse mais a mostra. O lixo passaria a ser aterrado por tratores logo após o despejo feito pelos caminhões da coleta urbana. Esses tratores jogariam uma camada de areia em cima dos resíduos, fazendo que eles ficassem cobertos por essa camada de areia. Esse sistema adotado pela SN Ambiental se assemelha muito ao adotado em aterros controlados, sistema onde o solo recebe uma cobertura de terra, depois os resíduos são depositados e em seguida vem outra cobertura de terra, porém em Parnaíba não há uma preparação prévia do solo.

Com essa mudança surgiram dois efeitos, o primeiro deles para os catadores, que ficaram com um tempo menor para fazer o processo de seleção do material reciclado, já que logo após o despejo do lixo no aterro ele já é coberto por terra pelos tratores. A segunda mudança foi na paisagem do local, altera por enormes montanhas de lixo aterrado como mostra a imagem a seguir:

²⁸ Institui a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos: dos fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, o cidadão e titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos na Logística Reversa dos resíduos e embalagens pós-consumo e pós-consumo. Cria metas importantes que irão contribuir para a eliminação dos lixões e institui instrumentos de planejamento nos níveis nacional, estadual, microrregional, intermunicipal e metropolitano e municipal; além de impor que os particulares elaborem seus Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. (BRASIL. Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010)

IMAGEM III: Montanha de lixo Criada a partir do processo de aterramento.



FONTE: Arquivo pessoal de Francisco Camilo da Silva Ribeiro.

A imagem (III) nos mostra a enorme montanha de lixo aterrado existente no aterro de Parnaíba. Ela surgiu após anos, em que lixo foi aterrado em cima de outras camadas de lixo. A imagem se confunde com a paisagem do aterro e talvez chame atenção daqueles que não conhecem bem o local, porém, para aqueles que frequentam diariamente o local como catadores ou funcionários da SN Ambiental, ela já faz parte de seu cotidiano, não recebendo atenção dos mesmos ao fato de que uma nova montanha, ou uma nova paisagem foi criada com o lixo recoberto com o verde das plantas. Os trabalhadores do aterro se adaptam a todas as mudanças mesmo as mais drásticas, essas mudanças passam a fazer parte do seu cotidiano de trabalho.

A paisagem do lixão foi se alterando de acordo com as transformações no espaço feitas pela prefeitura e SN Ambiental. Metzger (2001, p. 4) propõe que a paisagem seja definida como: “[...] um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação”. Para o autor esse mosaico heterogêneo que é a paisagem estará sendo visto através dos olhos do homem, de suas necessidades, anseios e planos de ocupação territorial.

Atividades ligadas à reciclagem praticadas pelos catadores no lixão fazem parte do seu dia-dia, sua vida e mercado seu trabalho. Lidar com os acontecimentos típicos do cotidiano no lixão como, a chegada dos caminhões, o despejo do lixo, a seleção, armazenamento e venda, são exercícios desempenhados quase que diariamente pelos catadores.

Sobre a questão do cotidiano, ele pouco se altera e pressiona homens e mulheres que convivem em um meio cheio de referências como observa Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. [...] o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 1996 p. 31).

O autor nos aponta que o cotidiano é construído por atividades desenvolvidas no dia e nos exige disposição para que todas as obrigações sejam realizadas, ele nos oprime e nos conduz a uma vida marcada pela rotina, na realização de funções que vão inclusive influenciar na nossa identidade dentro da sociedade, como nos vemos e como somos vistos.

No cotidiano do lixão os catadores desempenham suas atividades, administram seu tempo de acordo com sua necessidade, na grande maioria eles trabalham para garantir lucro para sua própria subsistência, assim são donos do seu próprio tempo, isso é motivo de orgulho para boa parte deles já que não necessitam cumprir o horário determinado por ninguém como nos relatou dona Carmelita²⁹, catadora do aterro de Parnaíba.

Aqui ninguém é mandado a gente chega hora que quer e sai à hora que quer... se tivesse trabalhando na casa dos outros ia ter que fazer o horário dos outros... Hoje eu cheguei onze horas, mais tem dia que eu chego oito horas ou mais cedo. (Carmelita Machado de Sousa)³⁰

Através do relato de dona Carmelita podemos notar que mesmo com todas as dificuldades que o trabalho impõe aos catadores, constroem um discurso de orgulho, entre alguns deles o fato de não terem nenhum “patrão” ou não ter que prestar serviço a outra pessoa. Através do relato oral da catadora podemos notar peculiaridades do seu trabalho. Cabe salientar que a história oral se apresenta como fator de enorme relevância e para tanto nos utilizamos de Portelli (2001) quando observa que a história oral é uma forma específica de discurso evocando uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão. Essa

²⁹ Carmelita Machado de Sousa natural do povoado de brejinho município de Luiz Correia-PI. Idade: 54 anos. Chegou a Parnaíba aos 19 anos de idade junto com seu esposo, através de um amigo conheceram o aterro e começaram a trabalhar de catador.

³⁰ Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro. Na cidade de Parnaíba-PI no dia 26/11/2016

narrativa apresenta-se como forma para entendermos a relação entre catadores e o tempo de suas falas que se reportam ao cotidiano do seu trabalho.

O tempo no aterro é visto de forma diferente pelos catadores. A passagem dos dias, semanas e meses, é pouco notada dentro do aterro. A natureza ainda marca a passagem do tempo. No período do verão o trabalho os dias são mais quentes, mas o trabalho pode ser mais produtivo, pois não chove muito, no inverno as temperaturas são mais gradáveis, porém, a chuva atrapalha o trabalho. Assim o tempo natural ainda é o maior influenciador no desempenho das funções dentro do aterro, cada trabalhador organiza seu tempo de acordo com as tarefas que tem a desempenhar ao longo do dia. O tempo, portanto é ditado pela necessidade da realização das tarefas, muito de acordo o que Thompson nos apresenta:

É possível propor três questões sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação do que é mais humanamente compreensível do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parecer haver pouca separação entre “o trabalho e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa- e não há grande senso de conflito entre o trabalho e “passar o dia”. (THOMPSON, 1998, p. 272).

O autor nos mostra que não há senso de conflito entre trabalho e o passar do dia para determinados grupos de trabalhadores, e assim o é para o catador. O desempenho das tarefas, a necessidade de obter lucro são fatores que contribuem para que o lixão ou aterro seja sempre um local em que existe trabalhador desempenhando funções, seja num domingo, feriado ou dia santo, sempre se encontra alguém trabalhando no aterro.

O trabalho e a necessidade de sobrevivência fazem com que os catadores não liguem para feriados, comemorações ou festividades típicas da vida do restante das pessoas. A vida dos catadores o seu tempo e cotidiano é diferente da de outros trabalhadores, e eles acabam se acostumando e alguns se acostumam a estar nesse local e com a rotina que o lixo e as necessidades impõem como descreveu Francisco Cleomendes³¹, evidenciando também a honra do trabalho em detrimento do não fazer nada:

Aqui todos os dias são iguais, todo dia tem gente, de segunda a segunda, dia e noite. Se tu vier aqui dia 31 de dezembro meia noite tem gente, se tu vier aqui sexta feira santa meio dia, vai ter gente. A gente gosta daqui, e melhor estar aqui do que estar em casa sem fazer nada e sem ganhar nada. (Francisco Cleomendes da Silva Braz)

³¹ Nascido em 23/07/1979 original de Parnaíba-PI. Começou a trabalhar no aterro por volta do ano 2000 com seus irmãos, no aterro conheceu sua esposa com quem tem três filhos.

As palavras de Francisco Cleomendes nos mostram o quanto cotidiano do aterro pouco se altera, os dias costumam ser iguais, quase sem alteração na rotina do trabalho que só é alterada pelas mudanças no clima, pois nos períodos chuvosos os catadores se veem seu trabalho prejudicado, pois o lixo fica muito encharcado. Exceto por esse fato, o cotidiano dos catadores sempre se repete seguindo a rotina ditada pelo seu trabalho. É essa rotina de chegar ao aterro, esperar o caminhão de lixo chegar em seguida separar o que pode ser reciclado do lixo, posteriormente armazenar e vendê-lo. São essas práticas que marcam o dia-dia do catador no seu local de trabalho.

O aterro é local de trabalho totalmente diferente de qualquer outro, lidar com as características específicas desse local faz parte do comportamento do catador, sua identidade é fruto do seu local de trabalho e dentro do aterro as relações sociais têm características próprias. Um jeito de falar, se vestir de trabalhar e de passar o tempo. Fora do aterro o catador é um trabalhador como qualquer outro, que busca na luta diária o seu sustento. Ou seja, há elementos de identificação exteriores desses seres humanos na “labuta diária”.

O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado. (BAUMAN, 2005, p.85)

Bauman (2005) descreve que o campo de batalha, é o lar da identidade, o local onde o trabalhador se encontra e desempenha suas funções tem influência na identidade social do mesmo, reflexo perceptível no depoimento dos catadores, onde seu comportamento, forma de vestir e falar, estão ligados ao lixão. As características do local de trabalho fazem surgir assim uma identidade ligada ao território.

O lixão é território onde se encontram identidades totalmente distintas de outros locais de trabalho. O local aberto onde os catadores estão sempre expostos ao sol e à chuva. Durante o verão as vestimentas usadas pelos catadores, são quase sempre de mangas e calças longas para protegê-los do sol e sujeira, a presença de animais, o barulho dos tratores aterrando o lixo. Todos esses fatores territoriais influenciam na identidade dos catadores.

Com relação à identidade territorial ela é construída não só por símbolos, mas também por práticas desenvolvidas num determinado território. Como nos aponta Bossé (2004) o território “não é apenas ritual e simbólico, é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades”. Outro autor Haesbaert, analisando também a questão da identidade observa que “[...] a identidade territorial é uma

identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta” (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Na citação o autor observa a identidade territorial ligada fundamentalmente ao território, que com todas as suas características e peculiaridades vai ser fator fundamental na formação da mesma. As características do lixão como espaço territorial diferenciado, faz com que a identidade dos catadores também seja uma identidade diferenciada dentro da sociedade.

O lixão é um dos locais do espaço urbano mais diferenciado. Seu cheiro, sua aparência, e as pessoas que são ali trabalham o tornam um local único. Todas as identidades, diferenças e concordâncias, cabem dentro do espaço urbano ou deveriam caber.

3.2 CIDADE E O LIXÃO: AFASTAMENTO DOS CATADORES DOS ESPAÇOS URBANOS DE PARNAÍBA

O lixão de Parnaíba está localizado bem na saída da cidade, já quase no final de seu perímetro urbano. O afastamento desse espaço em relação aos grandes locais de aglomeração populacional em Parnaíba (praças, shopping, casas de show), é um espaço dentro da cidade mais que não faz parte das atividades econômicas e sociais desenvolvidas por grande parte de sua população. As pessoas que ali estão fazem parte de outra realidade existente no ambiente urbano.

O modo de vida urbano faz com que se desenvolvam comportamentos e práticas econômicas e sociais típicos da vida na cidade, a agitação quase sempre presenciada na vida urbana faz com que a cidade produza um modo de viver único que o diferencia da tranquilidade da vida rural. Para Carlos (2007), A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir.

O modo de vida urbano também produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também de uma cultura e em transformação como argumenta Rodrigues:

O urbano também não deve ser entendido como uma realidade acabada, mas como horizonte de transformações territoriais sociais, políticas e econômicas. A cidade deve ser compreendida como forma espacial e lugar de concentração, da produção, circulação, edificação, população, consumo de bens e serviço. A cidade, que concentra e difunde o urbano, é um centro de decisão política (RODRIGUES, 2007, p. 79).

Notamos que o espaço urbano é um horizonte de transformações, elas podem ocorrer por diversos fatores sejam eles econômicos, sociais ou culturais. Essas mudanças vão alterando os espaços urbanos, mas alguns deles se matem inalteráveis, como é o caso do aterro sanitário de Parnaíba.

Sobre essas mudanças em relação ao nosso objeto, entre os anos de 2011 e 2016 ocorreram diversas mudanças no espaço urbano de Parnaíba. A chegada de universidades, a construção de shoppings centers, o surgimento de novos bairros. Porém essas mudanças foram pouco notadas no aterro, seu território se manteve inalterável, as condições de trabalho continuaram as mesmas.

As tentativas de organizar uma associação que representasse os catadores quase sempre fracassavam, pois, a maioria não se vê representada por aqueles que tomam a frente em movimentos organizacionais. Com isso o trabalho individual continuou prevalecendo no aterro, o máximo de trabalho coletivo que se vê é entre famílias, mães pais, irmão, todos juntos com o mesmo objetivo: garantir o sustento.

Para que possa ser possível a sobrevivência de famílias que vivem dessa atividade é comum filhos que comecem a trabalhar no aterro auxiliando seus pais. Começaram só ajudando até que transformaram essa ajuda em profissão, pois o pouco estudo e a falta de outras oportunidades de emprego fez com que eles seguissem a mesma profissão dos pais. A partir de 2012 a fiscalização para que não houvesse criança no aterro se intensificou, mas ainda se encontram crianças nos locais, principalmente no período de férias escolares, onde não estando na escola vão ajudar a família catando material reciclável. Há casos também em que mães solteiras criam seus filhos sozinhos e necessitam que as crianças lhe ajudem no trabalho.

[...] O abandono da escola deve-se às dificuldades da família, seja pela perda do pai – por morte ou separação –, seja por problemas financeiros enfrentados pela mãe, que se vê sozinha com o encargo de criar os filhos ainda muito pequenos. Nesse caso, as crianças, assim que chegam a uma idade em que podem exercer alguma atividade remunerada (geralmente entre 7 e 12 anos), se incorporam ao mercado informal de trabalho. (SILVA. 2014. p. 22)

A autora relata o quanto os pais encontram dificuldades pessoais para manter seus filhos longe do trabalho de catador, a ajuda dos filhos contribui para o aumento da renda, quanto mais gente trabalhando mais material pode ser recolhido. Todavia levar os filhos para que eles ajudem em um trabalho em condições tão degradantes mesmo que por necessidade não traz satisfação a seus pais.

Os pais preferem que seus filhos estudem a grande maioria nem leva seus filhos ao aterro, preferem afasta-los das difíceis condições de trabalho no local, além disso, veem no estudo uma forma dos filhos escaparem da difícil realidade enfrentada por eles a anos, como nos relata o s senhor Antônio Carlos Pereira.

Tem dia que eles tão por aí (no aterro), mas eu não gosto que eles venha, prefiro que fiquem em casa, estudando ou ajudando a mãe deles, quero que eles estude e se forme pra ser alguém na vida, pra não ter que trabalhar no lixão um dia. (Antônio Carlos Pereira) ³²

O relato mostra a preocupação que os pais têm para que seus filhos não sigam o mesmo caminho trilhado por eles, a esperança é que através do estudo eles possam alcançar uma trajetória de vida diferente. A educação é sempre vista pelos catadores como válvula de escape para que seus filhos saiam da realidade de sofrimento encarada por eles há anos, eles incentivam para que seus filhos estudem, pois creem que através do estudo eles conseguirão uma condição social melhor.

A exclusão social por que passa os catadores é fruto de uma sociedade em que a sobrevivência depende do trabalho ligado a um contratante, que quase sempre explora a mão de obra no intuito de obter mais lucro. Os que procuram um trabalho autônomo sofrem um processo de exclusão trabalhista, sem direitos ou ajuda governamental. A sociedade autônoma, democraticamente constituída por cidadãos, conscientes, responsáveis e participantes foi hipoteticamente vislumbrada por Souza (2004):

Em uma hipotética sociedade autônoma, autogestionária, a ideia de participação popular muda os próprios sentidos de “povo” e “participação”. O povo não é mais aquilo que, se ideologicamente abrange todos os que vivem dentro de um território, especialmente os nacionais de um dado país, politicamente se contrapõe a uma elite dirigente: não havendo mais assimetrias estruturais de poder e instituições garantidoras dessas assimetrias, “povo” passará a significar a totalidade do corpo de cidadãos, sem a distinção entre “cidadãos de primeira classe” e cidadãos de “segunda” ou de “terceira”. (SOUZA, 2004, p.332).

Para alcançar a autônoma citada pelo autor levaria tempo, e luta, e a participação de a sociedade. Porém a autonomia trabalhista que possui o catador, por não ter patrão não cumprir horários pré-determinados é de certa maneira uma autonomia que o exclui dos direitos comuns a outros trabalhadores, pois eles não são vistos pela sociedade como trabalhadores legalizados. De acordo com Medeiros e Macedo (2006), essa dura realidade que caracteriza as

³² Entrevista concedida a: Francisco Camilo da Silva Ribeiro. Na cidade de Parnaíba-PI dia 26/11/2016

condições de trabalho do catador se insere na percepção de “exclusão por inclusão”, na qual o catador é incluído socialmente pelo trabalho, mas excluído pela atividade que desempenha.

Na sociedade moderna e classista se busca diferenciar um indivíduo do outro de acordo com que ele produz economicamente, se afasta de tudo aquilo que não se iguala dentro de um padrão comportamental. A cidade assim passa a ser o principal cenário para a exclusão, seus bairros, localidades e espaços condicionam as relações entre determinados grupos. O lixo, como já foi dito, antes passar a ser fator determinante para se excluir determinado grupo. O estado como principal instituição assiste quase que de forma inoperante ao triste espetáculo da exclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos a trabalhar o tema dos catadores de materiais recicláveis, suas histórias de vida, organização e sua relação com o lixo. Postulamos nesse trabalho intitulado “raspas e restos me interessam”: trabalho e relações sociais no universo dos catadores no aterro sanitário de Parnaíba (2000-2017). Objetivamos contribuir para o mundo dos catadores de lixo na sociedade de Parnaíba, de um grupo de trabalhadores que tem sempre sua identidade social ligada ao lixo, mau cheiro, doenças. Um grupo de trabalhadores que dá um novo destino a aquilo que é considerado lixo através do processo de reciclagem, e que retira sustento para sua família através deste ofício.

Além desse aspecto produtivo, catadores são seres humanos que constroem narrativas cotidianas com relação ao trabalho e à vida que se impõe, construindo relações sociais. É preciso pensar sobre a humanidade, necessidades, enfim, complexas vivências que precisamos alcançar. Além do registro desse mundo para história, precisamos lançar um olhar social para os espaços que mesmo negado pela sociedade existe.

Percebemos o quanto o ofício de catador pouco se alterou na cidade com o passar dos anos, e que as tentativas de melhorar a situação local dos catadores sempre esbarravam em atritos pessoais entre os próprios ou em dificuldades de obter melhorias para o grupo junto ao poder público local.

Notamos o quanto a realidade de vida desses sujeitos, tem peculiaridades que não são encontradas em outras profissões, sua relação com o trabalho, com o território, com o tempo. Mas nada chama mais atenção do que a relação com sua família, todo sacrificio e feito para que os familiares possam usufruir mesmo que de forma simples da renda obtida com o trabalho.

A profissão de catador e somente mais uma em meio a tantas que existem na sociedade, porem mesmo com uma importância social, pois contribuem para a cadeia de reciclagem eles ainda sofrem os preconceitos principalmente por trabalham em um local onde muitos querem manter distância. O saber popular diz “todo trabalho é digno” porem os catadores não recebem a dignidade merecida nem da população e nem dos governantes.

REFERÊNCIAS

- ADAS, M. **Geografia: os impasses da globalização e o mundo desenvolvido**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- BENVINDO, Aldo Z. **A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BLOCH, Marc. “A história, os homens e o tempo”. In: Marc Bloch. **Apologia da história Ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio e Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOSSÉ, Mathias Le. (2004). **As Questões de Identidade em Geografia Cultural –algumas concepções contemporâneas**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: UERJ.
- CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FRANCO GARCIA, M. **Trabalhadoras rurais e luta pela terra: interlocução entre gênero, trabalho e território**. In: **Revista Pegada**. Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT), V.3. Número Especial, agosto de 2002.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- HAESBAERT, Rogério. (1999). **Identidades Territoriais**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e

- ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HONNETH, Axel (2006) [2004] *La Société du mépris. Vers une nouvelle théorie critique*, traduzido do alemão para o francês por Olivier Voirol, Pierre Rusch e Alexandre Dupeyrix. Paris: Éditions La Découverte.
- MCCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- MEDEIROS, Luísa F. R.; MACEDO, Kátia B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Revista psicologia & sociedade**, n. 18, v. 2, 2006.
- METZGER, J. P. O que é ecologia de paisagens? **Revista Biota Neotropica**, Campinas, v. 1, n. 1, 2001.
- MIZIARA, **Nos rastros dos restos: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2001.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, PUC, 1993.
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.
- PERLMAN, E. J. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- PORTELLI, Alessandro de. **Historia oral como gênero**. São Paulo: PUC, 2001
- RODRIGUES, A.M. O conceito e definição de Cidades. In: Ribeiro, L.C. de Q.; SANTOS JUNIOR, O.A. dos (Orgs.). **As metrópoles e a questão social Brasileira**. Rio de Janeiro: Renavan, 2007.
- SANTOS, Milton Almeida Dos, **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: USP, 2006.
- SANTOS, Milton. **Por uma nova Globalização: do pensamento único a Consciência Universal**. 17ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Memórias dos catadores de materiais recicláveis de Assis (2001-2007)**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. (Coleção PROEX Digital-UNESP). ISBN 9788579835261. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126249>>. Acesso em: 8 de dez. de 2016.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum. Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOMÁS, Júlia. **A invisibilidade social, uma construção teórica**. Colóquio “Crise das Socializações”. 2012. Disponível em:

[file:///D:/Downloads/A%20invisibilidade%20social,%20uma%20constru%C3%A7%C3%A3o%20te%C3%B3rica%20\(2012\).pdf](file:///D:/Downloads/A%20invisibilidade%20social,%20uma%20constru%C3%A7%C3%A3o%20te%C3%B3rica%20(2012).pdf). Acessado em 10 de agos. 2017.